

## DAS LIÇÕES DO PASSADO ÀS PERSPECTIVAS DE FUTURO: O PROJETO MOC E SUA CONTRIBUIÇÃO AO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

A saúde coletiva enquanto um campo de conhecimento interdisciplinar e de formação de sanitaristas, se constitui uma área de intensa e consistente produção científica, em âmbito nacional. Parte dessa produção se encontra hoje relacionada às mudanças ocorridas na organização do sistema de saúde que se ampliou e consolidou com o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Nesse processo Montes Claros constitui referência relevante, com efeitos na produção acadêmica e nas práticas e experiências de transformação na saúde. Fato é sua contribuição à gestação das diretrizes do que viria se tornar o futuro SUS no Brasil. Sistema concebido pelo Movimento Sanitário no final da década de 1970 e inscrito na Constituição Federal de 1988 como direito universal e dever do Estado.

Neste contexto, o SUS emerge enquanto uma resposta social e política inovadora, em oposição à medicina mercantilista, de cunho individual, curativa e restrita a um reduzido número de trabalhadores da população, existente no período do regime militar. Fruto dos questionamentos e contestações realizadas pelo movimento sanitário e movimentos sociais desse período, trouxe rupturas ao modelo tradicional vigente de saúde assentadas em experiências pioneiras realizadas anteriormente em alguns locais do país. Dentre essas experiências, o “Projeto Montes Claros – Sistema Integrado de Prestação de Serviços”, ou “Projeto MOC”, como era conhecido, se tornou emblemático.

A implementação de uma rede pública de serviços e a construção de um pensamento crítico contra-hegemônico ao sistema de saúde vigente tornaram Montes Claros uma referência fundadora

de diretrizes que embasavam as discussões do Movimento Sanitarista. Herdeiro da experiência considerada exitosa em Diamantina, no Vale do Jaquitinhonha, o “Projeto Moc” foi colocado em prática, oficialmente, em 1975, por um grupo de intelectuais, trabalhadores-técnicos, estudantes e políticos, que realizavam críticas ao modelo dominante de assistência à saúde existente associadas a uma espécie de cartografia do poder: colocando em questão o poder político-econômico local e o poder médico.

Experiência inovadora que serviu como uma espécie de laboratório de democratização na saúde, onde foram concebidos e testados alguns conceitos fundamentais defendidos pelos sanitaristas, como as causas sociais do processo saúde/doença, a difusão de uma nova consciência sanitária e a estratégia de ocupação e/ou criação de espaços político-institucionais. Sua inovação se traduziu pela implementação de um novo modelo de planejamento, gestão e organização dos serviços, pela transformação das relações sociais no interior da equipe de saúde, pela introdução de novas práticas pedagógicas e pela inclusão da participação da comunidade, que passou a realizar discussões de ações prioritárias para a saúde no município. Nesse sentido, o “Projeto MOC” extrapolou a condição singular de uma experiência local, se inserindo em um contexto mais amplo de luta pela saúde no Brasil. Suas marcas foram impressas em projetos, ações e sistemas de saúde posteriores como o Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS), Ações Integradas de Saúde (AIS) e o próprio SUS.

Essa edição da Unimontes Científica tem como foco os resultados dos estudos sobre diversos aspectos da saúde humana, muitos deles a respeito da gestão da saúde pública no âmbito do SUS. Revisitar a experiência de Montes Claros no processo de construção do SUS ressalta seu vanguardismo no campo da saúde e nos traz o desafio de lançar um olhar crítico sobre o passado, o presente e o futuro. Assim como o SUS, a experiência local imprimiu traços avançados para o setor da saúde. Por outro lado, persistem problemas a serem enfrentados e esse é o desafio de todos e daqueles que nesta edição refletem e pesquisam sobre suas práticas. Boa leitura!

Professora Doutora Felisa Anaya  
Departamento de Saúde Mental e Coletiva-  
Unimontes